



SEÇÃO: ARTIGOS

Construção de sentidos em enunciados verbivoco-visuais: um olhar tridimensional para o gênero charge

Construction of meanings in verbivoco-visuais utterances: a three-dimensional view of the cartoon genre

Construcción de sentidos en enunciados verbivoco-visuais: una mirada tridimensional al género viñeta

Rosângela Alves dos Santos Bernardino¹

orcid.org/0000-0001-7812-4829
rosangelabernardino@uern.br

Ivaneide Gonçalves de Brito¹

orcid.org/0000-0002-4449-0166
ivaneidegbrito@hotmail.com

Eliene Carvalho da Silva¹

orcid.org/0000-0002-2229-050X
eliene_sara@hotmail.com

Recebido em: 14 abr. 2021.

Aprovado em: 29 nov. 2021.

Publicado em: 20 abr. 2022.

Resumo: Este artigo consiste em uma análise do gênero charge, a partir da concepção bakhtiniana de gênero discursivo e de dialogismo. O objetivo é verificar como ocorre a construção de sentidos na charge, com base no estudo dos seus componentes constitutivos e das relações dialógicas que esse gênero estabelece com outros enunciados no processo de interação discursiva, considerando, para tanto, a tridimensionalidade verbivoco-visual da linguagem. O trabalho decorre de uma pesquisa bibliográfica, de natureza teórica e aplicada, apoiada na abordagem qualitativa. Teoricamente, pauta-se nos apontamentos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2014, 2016; MEDVIÉDEV, 2012; VOLÓCHINOV, 2018) e de seus comentadores no país, como Fiorin (2018), Brait (2005, 2015, 2018,) Rojo e Barbosa (2015), Paula (2017), Paula e Serni (2017), Paula e Luciano (2020a) e Paula e Luciano (2020b). A análise sugere uma compreensão da charge como um gênero cuja verbivoco-visualidade é bastante representativa e, por isso mesmo, expressiva de uma dialogicidade aberta a uma pluralidade de sentidos. Constata-se, por fim, que a perspectiva teórica do Círculo de Bakhtin é potencialmente importante para o estudo dos diferentes gêneros, inclusive os de natureza notadamente verbivoco-visuais, dada a expressão dos mecanismos dialógicos, a ideologia constitutiva da linguagem e a carga axiológica das escolhas linguístico-discursivas.

Palavras-chave: Gênero Discursivo. Dialogismo. Verbivoco-visualidade. Construção de Sentidos. Charge.

Abstract: This article consists of an analysis of the genre cartoon, by Bakhtin's conceptualization of discourse genre and dialogism. The objective is to verify how the construction of meaning occurs in cartoons, based on the study of its constitutive components and the dialogical relations that genre establishes with other statements in the process of discursive interaction, considering, for this purpose, the three-dimensionality of the verbivoco-visual language. This work results from a bibliographic research, in a theoretical and applied nature, supported by a qualitative approach. Theoretically, it is based on the notes of Bakhtin's Circle (BAKHTIN, 2014, 2016; MEDVIÉDEV, 2012; VOLÓCHINOV, 2018) and by what we have called commentators of Bakhtin's writing in Brazil, such as Fiorin (2018), Brait (2005, 2015, 2018,) Rojo and Barbosa (2015), Paula (2017), Paula and Serni (2017), Paula and Luciano (2020a) and Paula and Luciano (2020b). The analysis suggests an understanding of the cartoon as a genre whose verbivoco-visuality is quite representative and, just because of that, it is expressive with an open dialogical set of meanings. Finally, the theoretical perspective of Bakhtin's Circle is potentially important for the study of different genres, including those of a markedly verbivoco-visuais nature, due to three aspects: the expression of dialogical mechanisms; the ideology that constitute language and the axiological charge of linguistic-discursive choices.



¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, RN, Brasil.

Keywords: Discursive Genre. Dialogism. Verbivocovisuality. Construction of Meanings. Cartoon.

Resumen: Este artículo implica en un análisis del género viñeta, a partir de la concepción bakhtiniana de género discursivo y de dialogismo. El objetivo es verificar cómo ocurre la construcción de sentidos en la viñeta, con base en el estudio de sus componentes constitutivos y de las relaciones dialógicas que ese género establece con otros enunciados en el proceso de interacción discursiva, considerando, para ello, la tridimensionalidad *verbivocovisual* del lenguaje. El trabajo deriva de una investigación bibliográfica, de naturaleza teórica y aplicada, apoyada en el abordaje cualitativo. Teóricamente, se enmarca en los apuntes del Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2014, 2016; MEDVIÉDEV, 2012; VOLÓCHINOV, 2018) y de sus comentaristas en el país, como Fiorin (2018), Brait (2005, 2015, 2018), Rojo y Barbosa (2015), Paula (2017), Paula y Serni (2017), Paula y Luciano (2020a) y Paula y Luciano (2020b). El análisis sugiere una comprensión de la viñeta como un género cuya *verbivocovisualidad* es bastante representativa y, por eso, expresiva de un dialogismo abierto a una pluralidad de sentidos. Se constata, por último, que la perspectiva teórica del Círculo de Bakhtin es potencialmente importante para el estudio de los diferentes géneros, incluso los de naturaleza notablemente *verbivocovisuales*, dada la expresión de los mecanismos dialógicos, la ideología constitutiva del lenguaje y la carga axiológica de las opciones lingüístico-discursivas.

Palabras clave: Género Discursivo. Dialogismo. *Verbivocovisualidad*. Construcción de Sentidos. Viñeta.

Introdução

O estudo de gêneros, no contexto brasileiro, é bastante amplo e complexo. Muitas são as tradições teóricas que fundamentam e diversificam as pesquisas envolvendo gêneros nos mais diversos campos de estudo, sobretudo na área da Linguística. Neste trabalho, a abordagem sobre o gênero está pautada nos trabalhos do Círculo de Bakhtin e de outros estudiosos que, na concepção de gênero, levam em conta o processo de sua produção, considerando-o como uma atividade de linguagem que integra práticas sociais situadas.

Embora haja uma vasta produção nos campos lingüístico e discursivo, a propagação dos estudos sobre gêneros está longe de esgotar todas as possibilidades de análise e de construção dos sentidos pelas diferentes abordagens teórico-metodológicas. Nesse sentido, falar sobre gêneros é falar sobre formas da língua e formas típicas de enunciados (BAKHTIN, 2016); é percebê-los como "formações interativas, multimodalizadas e

flexíveis de organização social e de produção de sentidos" (MARCUSCHI, 2011, p. 20); é concebê-los como um "dispositivo de organização, troca, divulgação, armazenamento, transmissão e, sobretudo, de criação de mensagens em contextos culturais específicos" (MACHADO, 2018, p. 158).

Conforme consideram Bakhtin e o Círculo, os sujeitos falam e escrevem sempre por meio de gêneros discursivos, e não há nenhuma forma de uso da linguagem que não aconteça através de gêneros. Os enunciados, concretos e únicos, refletem o uso da língua, sendo proferidos pelos integrantes do discurso, seja qual for o campo da atividade humana (BAKHTIN, 2016). Nessa acepção, estudar gêneros é estudar sentidos, é estabelecer diálogos, é interagir com outros sujeitos, é produzir enunciados que refletem ecos de outros e que, mais tarde, estarão refletidos em novos enunciados.

Este estudo parte da hipótese de que a concepção de gênero proposta pelo Círculo de Bakhtin é não apenas eficiente, mas também muito necessária para analisar os sentidos de qualquer enunciado que articule elementos verbivocovisuais (PAULA, 2017), tendo em vista que, à época dos estudos do Círculo, não se tinha o aparato de gêneros tão diversificados, tão sincréticos e tão digitais como se constata hoje. Não se pode deixar de elucidar que todos os gêneros possuem em sua dimensão aspectos ligados à verbalidade, à vocalidade e à visualidade, conforme sugere Paula (2017). Entretanto, a nosso ver, há entre eles diferentes níveis de manifestação dessa verbivocovisualidade, haja vista que em alguns gêneros destaca-se com mais proeminência o elemento verbal, e em outros, o visual e/ou o vocal, a depender da arquetônica de cada enunciado.

Sob esse prisma, este trabalho propõe analisar o gênero charge, a partir da concepção bakhtiniana de gênero e de dialogismo, com o objetivo de verificar como ocorre a produção de sentidos em uma materialidade verbivocovisual, enfocando os elementos de composição dos gêneros, conforme Bakhtin (2016), e as relações dialógicas estabelecidas no processo de interação discursiva.

siva. Em função disso, além dos aspectos que compõem os gêneros, como conteúdo temático, estilo e construção composicional, não se pode prescindir de sua finalidade, do destinatário imediato, e do lugar e do tempo da enunciação, estes, pois, denominados, em termos bakhtinianos, de *cronotopo* (BAKHTIN, 2014).

Este trabalho justifica-se, então, pela necessidade de entendermos como a noção de gênero, defendida por Bakhtin, pode contribuir para a compreensão dos sentidos que se constroem na enunciação. Nesse fito, além de somar-se aos trabalhos que demonstram a aplicabilidade do modelo bakhtiniano de análise de gêneros, como o de Rodrigues (2005), nossa proposta confere particular atenção aos aspectos verbivocovisuais presentes na composição desse gênero, a exemplo dos trabalhos de Paula (2017), Paula e Serni (2017), Paula e Luciano (2020a), e Paula e Luciano (2020b). Para tanto, a fundamentação teórica está pautada, em especial, nos estudos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2014, 2016; MEDVIÉDEV, 2012; VOLÓCHINOV, 2018) e de outros pesquisadores da linguagem, como os já citados, bem como Fiorin (2018), Brait (2005, 2018), e Rojo e Barbosa (2015).

Metodologicamente, a pesquisa realizada configura-se como bibliográfica, de natureza teórica e aplicada, seguindo uma abordagem qualitativa. Pelos objetivos de análise, é também do tipo exploratória (GONSALVES, 2003; PAIVA, 2019; PRODANOV; FREITAS, 2013). Para o desenvolvimento da pesquisa, selecionou-se uma charge produzida no contexto da pandemia de COVID-19 e publicada no jornal Diário do Nordeste. O jornal é sediado em Fortaleza, no Ceará, com sucursais em outras cidades cearenses. Considerado o maior veículo jornalístico do estado, possui também grande circulação em toda a região nordeste.

Feitas estas considerações introdutórias, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: nas três seções que seguem, está a fundamentação teórica, que discorre, primeiro, sobre a concepção de gênero, com base nos postulados bakhtinianos; depois, sobre a natureza dialógica da linguagem; e, por último,

sobre a verbivocovisualidade como um aspecto tridimensional da arquitetônica dos gêneros. Em seguida, há uma seção com o detalhamento dos aspectos metodológicos; posteriormente, está a seção de análise e discussão dos resultados, a qual abrange o nosso olhar sobre a dimensão social e verbivocovisual do gênero charge; ao final, consta a síntese interpretativa, com nossas considerações finais.

1 A concepção bakhtiniana de gênero

Ao discorrer sobre os gêneros, Bakhtin (2016) caracteriza-os como discursivos, por darem forma a um discurso, a uma enunciação, além de constituírem-se historicamente nas mais diversas esferas/campos da atividade humana, sendo que estes atuam como modos de apreensão, refração da realidade e, portanto, de criação ideológica. Abarcando o domínio dos signos,

[...] cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social. Entretanto, *o caráter signico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos* (VOLÓCHINOV, 2018, p. 94, grifo do autor).

Segundo essa compreensão do Círculo de Bakhtin, pensar o domínio dos signos é, ao mesmo tempo, pensar o domínio da ideologia, pois ambos podem ser igualados. O signo habita inescapavelmente o terreno da esfera ideológica.

A noção de esfera/campo, como bem pontuou Grilo (2010), é fundamentalmente importante para a apreensão e classificação dos gêneros, para sua caracterização nas formas de enunciados concretos, relativamente estáveis, no tocante ao tema e ao elo com outros enunciados – precedentes e subsequentes. Nas palavras da autora, "o campo/esfera é um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto do sentido, enunciado/enunciado, enunciado/co-enunciadores" (GRILO, 2010, p. 147).

Os gêneros são, pois, experimentados socialmente, configurando-se como modos de dizer, de enunciar, de discursar. Embora só tenham existência na vida social, em situações concretas

de interação, eles não se materializam na forma de gêneros propriamente ditos, mas sob a forma de enunciados, que podem ser orais, escritos ou verbivocovisuais.

Definidos como "tipos relativamente estáveis de enunciados" (BAKHTIN, 2016, p. 12), "os gêneros não são abstrações teóricas", pelo contrário, "são universais concretos que circulam na vida real" (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 28). Isso significa que o que se fala ou se escreve dá-se concretamente sob a forma de enunciados, que se estruturam em um gênero discursivo. É por essa razão que há uma infinidade de gêneros, sendo impossível catalogar todos, uma vez que, segundo Bakhtin (2016), são inesgotáveis as possibilidades da atividade humana, estando todos os campos dessa interação ligados ao uso da linguagem.

Em cada campo da atividade humana, elaboram-se "um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade" (BAKHTIN, 2016, p. 12), daí a necessidade, colocada pelo filósofo russo, de salientar a "heterogeneidade dos gêneros do discurso", que podem ser tanto orais como escritos. Barbosa e Rovai (2012), em um trabalho para fins didáticos, categorizam os gêneros discursivos, agrupando-os nos campos cotidiano, literário ou artístico-literário, jornalístico, escolar ou de divulgação científica, da vida pública. Cabe destacar que são diversos e multiformes os campos da atividade humana e não se esgotam, nem poderiam, na classificação proposta pelas autoras. Tais campos, de acordo com Bakhtin (2016), não são estáticos, já que evoluem, transformam-se e ressignificam-se com as mudanças históricas, sociais, culturais e políticas, e também não são estanques, pois os campos estão inter-relacionados e, por vezes, imbricados.

A configuração de gêneros de discurso, e não gêneros de texto em Bakhtin e no Círculo, ocorre em função de que os gêneros se realizam no discurso, na enunciação, interessando aos pesquisadores a significação das enunciações, que é "preche da ideologia e da valoração, único fim de um enunciado vivo" (ROJO; BARBOSA,

2015, p. 42). Assim, importam aos pesquisadores o desenvolvimento do tema e da significação e não as formas linguísticas, as formas dos textos em si. Por essa razão, adotam a terminologia "de discurso" ou "discursivos" para referirem-se ao gênero.

Afirmar que a enunciação é permeada de significação implica dizer que os enunciados são constituídos de tema, de sentidos múltiplos, de ecos ideológicos e de apreciações de valor (ROJO; BARBOSA, 2015). Em cada situação concreta de enunciação, há os sujeitos do discurso que, ao interagirem, o fazem por meio de enunciados, que se organizam em gêneros de discurso. Esses sujeitos emitem apreciações valorativas, sejam sobre o tema do enunciado, sejam sobre o parceiro da enunciação, que se configuram como juízos de valor. Os enunciados construídos pelos sujeitos da enunciação são repletos de ecos de outros enunciados com os quais estão ligados e devem ser vistos como uma resposta aos enunciados que o antecedem (BAKHTIN, 2016).

A vontade enunciativa do falante realiza-se principalmente na escolha de um gênero discursivo (BAKHTIN, 2016). Além da intenção discursiva do enunciatador, que, por si, é carregada de individualidade e subjetividade, a escolha do gênero é determinada, entre outros aspectos, "pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetivas (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes" (BAKHTIN, 2016, p. 38).

Sob essa ótica, parafraseando as palavras de Fiorin (2018), o gênero passa a ter sentido quando fica evidenciada a correlação entre forma e atividade. Assim, um novo olhar sobre a realidade pressupõe o surgimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes, da mesma forma que a inserção de sujeitos em novos campos de atividade e comunicação humanas resulta na produção de novos gêneros, às vezes, nunca produzidos por esses sujeitos.

Bakhtin (2016) classifica os gêneros em primários e secundários. São considerados primários, ou simples, os gêneros da vida cotidiana,

construídos nas atividades mais simples. Há, nos primários, a predominância dos gêneros orais, o que significa que não são produzidos exclusivamente na oralidade discursiva. Constroem-se na comunicação verbal espontânea e relacionam-se diretamente com o contexto mais imediato. Integram os gêneros primários, por exemplo, pedidos, ordens, cumprimentos, conversas com amigos, piadas, bilhetes, bate-papos, postagens no *feed* de redes sociais, ligações telefônicas ou por áudio e vídeo, entre outros.

Os gêneros secundários, ou complexos, pertencem aos campos da atividade humana e da comunicação cultural mais elaborados, desenvolvidos e organizados, e atendem a finalidades públicas diversas. Sua função é mais formal, de caráter oficial. São preponderantemente escritos, podendo ocorrer também entre os orais. É válido citar, como exemplo, relatórios, discursos políticos, romances, artigos científicos, noticiários televisivos ou radiofônicos, autobiografias, entre outros. No processo de formação, os gêneros secundários podem absorver e transformar os primários, porque, ao serem reelaborados, à medida que são integrados aos secundários, perdem sua vinculação com o contexto imediato. Para ilustrar esse processo de transmutação dos gêneros primários, pode-se verificar como o romance inclui o diálogo cotidiano entre seus personagens no enredo.

Na acepção bakhtiniana, há três elementos constitutivos do gênero e indissociáveis entre si, que são o conteúdo temático, o estilo e a organização composicional. A indissociabilidade desses três elementos justifica-se, pois, pela interconexão entre eles, haja vista que o tema de um enunciado se realiza somente a partir de um certo estilo e uma dada forma de composição. São eles que constituem o todo do enunciado e, este, por sua vez, é definido pela especificidade de um campo da atividade humana, na constituição de um gênero. Os gêneros, de acordo com Rodrigues (2005), não são indiferentes às características do campo de ação do qual depreendem-se, pelo contrário, eles deixam-nas explícitas.

Sobre a tríade composicional do gênero, para o Círculo de Bakhtin, o tema é muito mais que o

assunto sobre o qual se enuncia, é uma espécie de domínio de sentido, único, individual e irrepetível como o próprio enunciado (VOLÓCHINOV, 2018). O tema do enunciado, para Volóchinov (2018, p. 228), "é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem – palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação –, mas também pelos aspectos extraverbais da situação". Rodrigues (2005) sintetiza que o conteúdo temático é determinado pelo objeto discursivo e finalidade discursiva do enunciado. Nas palavras de Rojo e Barbosa (2015, p. 87, grifo das autoras), o tema do enunciado é inferido com base "na **apreciação de valor**, na avaliação, no **acento valorativo** que o locutor (falante ou autor) lhe dá", realizando-se como o elemento mais importante do enunciado, em face de ele ser "todo construído (composto e estilizado) para fazer ecoar um tema".

O estilo, para Bakhtin (2016), corresponde, entre outros aspectos, ao uso propriamente dito dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua. Nesse contexto, é a seleção dos meios linguísticos que caracteriza, pois, o estilo. O filósofo destaca a existência de diferentes estilos, colocando, de um lado, o estilo individual, que diz respeito à individualidade do autor do enunciado, e de outro, o estilo da língua, referindo-se àqueles gêneros que requerem uma forma linguística mais padronizada e que são menos propícios para o reflexo da individualidade de quem enuncia.

A esse respeito, entre os gêneros que apresentam condições mais propícias ao estilo particular/individual, estão os do campo da literatura e das artes; por outro lado, entre os que apresentam condições menos favoráveis, estão os chamados documentos oficiais, que só refletem, como aponta Bakhtin (2016), os aspectos mais superficiais da individualidade. Fiorin (2018), em uma releitura bakhtiniana, aponta ainda outros estilos na composição do gênero, a depender do tipo de gênero discursivo e do propósito da enunciação, como o estilo objetivo-neutro, o estilo familiar, o estilo íntimo, entre outros. No entanto, alerta-nos que Bakhtin não pretendeu fazer um catálogo dos gêneros, com a descrição de cada estilo, de cada conteúdo temático ou de cada estrutura compo-

sicional, dada a inesgotabilidade do repertório de gêneros produzidos pela ação humana.

Brait (2018) alerta que, para o Círculo, a concepção de estilo ultrapassa a análise linguística. A autora não exclui, por exemplo, a existência de estilos de linguagem, de dialetos, de vocabulário como componentes de um estilo, ou como caracterizadores de estilo, no entanto, reafirma que "a busca é no sentido de saber sob que ângulo dialógico eles [os estilos] se confrontam numa obra, num texto, num enunciado" (BRAIT, 2018, p. 81, grifo da autora) e, em consonância com os estudos bakhtinianos, atesta que "o ângulo dialógico não pode ser estabelecido por meio de critérios genuinamente linguísticos, porque as relações dialógicas pertencem ao campo do *discurso*" (BRAIT, 2018, p. 81, grifo da autora).

A estrutura composicional é a forma na qual está materializado o enunciado, ou seja, a estrutura no qual foi construído. Rojo e Barbosa (2015, p. 94) definem-na como "a organização e o acabamento do todo do enunciado, do texto como um todo". Nesse sentido, pensar a forma de composição do enunciado é perceber como ele foi introduzido, desenvolvido e concluído. É olhar para ele no todo, no seu aspecto formal, no âmbito da superestrutura textual. Bakhtin (2016), ao apresentar a estrutura triádica do enunciado, destaca a construção composicional como o elemento mais característico, colocando-o acima dos outros.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, *acima de tudo*, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2016, p. 12, grifo nosso).

Bakhtin (2016) atribui grande importância à construção composicional porque é por meio dela que o enunciado adquire concretude, transveste-se de materialidade. Entretanto, é válido ressaltar que a forma de composição e o estilo são importantes no enunciado não por si mesmos, mas para fazer ecoar os sentidos e o tema desse enunciado (ROJO; BARBOSA, 2015). Essas três

dimensões dos gêneros discursivos, portanto, são determinadas pela situação de produção dos enunciados e, conforme observa Rojo (2005), pela apreciação valorativa de quem enuncia a respeito do tema e dos parceiros de discurso.

Assim, a teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin leva em conta o processo de produção e não o produto. Sendo o gênero um enunciado, deve ser visto dentro dos campos da atividade humana, no processo de interação. Não se produz qualquer enunciado fora dos campos de atividade e comunicação humanas. Isso quer dizer que os gêneros são determinados pelas condições de produção e pela finalidade de cada campo discursivo. Como a interação entre sujeitos só acontece por meio de enunciados e, por conseguinte, pelos gêneros discursivos, a todo tempo, seja qual for o campo da atividade humana, os sujeitos estão produzindo gêneros, desde os mais simples aos mais complexos. Embora os sujeitos não tenham domínio sobre todos os gêneros, pela falta de vivência em determinados campos, é como metaforizam Rojo e Barbosa (2015, p. 27), "gêneros são como cachorros: sabemos reconhecer quando topamos um, embora por vezes não saibamos o nome de sua raça".

2 A natureza dialógica da linguagem

Os estudos bakhtinianos têm sido fulcrais para a compreensão das formas de produção de sentidos, por associar à concepção de linguagem conceitos essenciais, como o dialogismo. Nas abordagens de Brait (2005) sobre os postulados bakhtinianos, o dialogismo é tratado sob duas dimensões. A primeira, como o permanente diálogo entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, levando em conta seus aspectos sociais e culturais, instaurando a natureza interdiscursiva da linguagem; a segunda, no que diz respeito às relações estabelecidas nos processos discursivos entre o eu e o outro.

Nessa perspectiva, todo enunciado mantém uma ligação intrínseca com outros enunciados dentro da cadeia de comunicação discursiva, constituindo uma corrente de opiniões e visões de

mundo. Nesse entrelaçamento de discursos, que acontece dialogicamente, a produção de sentidos não é inédita, visto que o sujeito discursivo não é um “Adão” bíblico (BAKHTIN, 2016), isto é, **não é um ser desprovido de** antecedentes discursivos. Pelo contrário, é parte de um *continuum* no qual o processo de compreensão da palavra já **é uma resposta aos enunciados** anteriores. Por essa razão, o falante, ao criar enunciados, adota uma postura responsiva ativa em relação a outros já elaborados.

Ao conceber dialogismo como a relação entre o eu e o nós, o Círculo de Bakhtin leva em conta tanto as vozes individuais como as sociais. Isso significa que, do ponto de vista das relações dialógicas, os apontamentos do Círculo colocam em questão

não apenas as grandes polêmicas filosóficas, políticas, estéticas, econômicas, pedagógicas, mas também fenômenos da fala cotidiana, como a modelagem do enunciado pela opinião do interlocutor imediato ou a reprodução da fala do outro com uma entonação distinta da que foi utilizada [...] (FIORIN, 2018, p. 30-31).

Fiorin (2018) ainda alerta que, em Bakhtin, os conceitos de individual e de social não são simples, muito menos estanque, por diversas razões. Em primeiro lugar, porque o filósofo aponta que a opinião dos indivíduos, em sua maioria absoluta, é social. Em segundo, por considerar elemento essencial da constituição do enunciado a presença do destinatário imediato, que pode ser percebida quase que conscientemente, e do superdestinatário, que não se configura no tempo presente da enunciação e a sua identificação varia de um grupo social para outro, de uma época para outra.

As relações enunciativas acontecem, então, de maneira que elas respondem, replicam, aceitam, contestam, analisam, negam. Um enunciado constitui-se, de acordo com Bakhtin (2016), em relação aos enunciados que o precedem e que o sucedem na cadeia de comunicação discursiva. Fiorin (2018) complementa que cada enunciado solicita uma resposta que ainda não existe, uma compreensão responsiva ativa, seja para concordar, seja para refutar. Essa atitude do sujeito reflete um posicionamento dialógico, que, por sua vez, é carregado de ideologia e possui um

tom emotivo-volitivo.

Fiorin (2018) considera o dialogismo o princípio unificador da obra bakhtiniana, analisando-o a partir de três conceitos:

- a) como modo de funcionamento real da linguagem, no sentido de que todos os enunciados se constituem a partir de outros;
- b) como forma composicional do discurso, ou seja, elucidando, externa e visivelmente, outras vozes no discurso;
- c) como princípio de constituição e de ação do indivíduo, em função de o sujeito atuar em relação aos outros e constituir-se também em relação ao outro na comunicação discursiva.

Sob esse viés, conforme Bakhtin (2016), o enunciado é sempre heterogêneo, pois nele revelam-se, pelo menos, duas vozes, a de quem enuncia e aquela em oposição à qual o enunciado se constrói. As relações dialógicas, portanto, constroem-se no campo do discurso, da língua apreendida como ocorrência concreta e viva, entre parceiros da comunicação. Contudo, não significa que haja dois tipos de dialogismo, um entre enunciados e outro entre o locutor e seu interlocutor. Todo dialogismo decorre das relações entre enunciados, pois o interlocutor é, em si, uma resposta, um enunciado (FIORIN, 2018).

Enquanto forma composicional, ressalta-se, na obra bakhtiniana, que há dois modos de inserção do discurso do outro no enunciado. O primeiro, em que o discurso alheio é citado abertamente no discurso que ora se enuncia, por meio do discurso direto, discurso indireto, aspas, negação, entre outros procedimentos. O segundo, em que o discurso é bivocal, não havendo separação nítida entre o enunciado citado e o que cita, por estar internamente dialogizado, como a paródia, a estilização, a polêmica clara, a polêmica velada, o discurso indireto livre etc. (FIORIN, 2018).

Como princípio de constituição e de ação do indivíduo, Fiorin (2018) observa que o sujeito se constitui no discurso ao passo que apreende as vozes sociais que compõem a realidade na qual ele está inserido. Sendo a realidade heterogênea, o

sujeito absorve várias vozes que estão relacionadas entre si. É essa absorção de vozes que passará a integrar seu discurso, que fará do interlocutor um sujeito constitutivamente dialógico.

Conforme Bakhtin (2014),

todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam [...] em um sistema estilístico-harmonioso, expressando a posição: sócio-ideológica diferenciada do autor no seio dos *diferentes* discursos da sua época (BAKHTIN, 2014, p. 106, grifo do autor).

Na concepção do Círculo, as vozes que constituem os discursos refletem diferentes pontos de vista e posturas ideológicas, representando grupos sociais distintos. Por estarem diretamente relacionadas aos diferentes campos da atividade humana, essas vozes estabelecem diálogos com outros discursos e com outros sujeitos.

Assim, os enunciados proferidos pelos sujeitos, na comunicação discursiva, estão repletos de palavras dos outros, que carregam consigo uma carga valorativa. O locutor, ao tomar para si a palavra do outro, reelabora-a, atribui a ela uma apreciação de valor, ressignifica-a e ela passa a ser dele, concreta e única. Os enunciados, construídos pelos sujeitos, portanto, realizam-se como uma resposta ativa às vozes interiorizadas, constituindo-se ideologicamente por meio de relações dialógicas discursivas.

3 A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem

A apropriação do conceito de verbivocovisualidade para os estudos sobre a linguagem no campo bakhtiniano pela professora Luciane de Paula (Cf. PAULA, 2017) advém da hipótese de que a noção de linguagem desenvolvida no Círculo de Bakhtin é tridimensional e de que a verbivocovisualidade é constitutiva de suas dimensões. Paula e Serni (2017) analisam que

o termo verbivocovisual foi cunhado por James Joyce e utilizado de maneira metafórica por Décio Pignatari para tratar da linguagem da poesia concreta. Também se utiliza aqui a expressão de maneira metafórica, pois ela não só abarca como explícita. A verbivocovisualidade

diz respeito ao trabalho, de forma integrada, das dimensões sonora, visual e o(s) sentido(s) das palavras. O enunciado verbivocovisual é considerado em sua potencialidade valorativa (PAULA; SERNI, 2017, p. 179-180).

Isso significa que a análise de um gênero discursivo verbivocovisual deve considerar que seus elementos verbais, vocais e visuais estão em completa simbiose. Na construção de sentidos, o enunciador precisa levar em conta não apenas a materialização discursiva, mas também as condições de produção, de circulação e de recepção dos enunciados e os diálogos que se estabelecem responsivamente com outros enunciados.

O sentido atribuído pelos concretistas à verbivocovisualidade e a concepção de linguagem adotada pelo círculo bakhtiniano, que é indissociável da concepção de enunciado, contribuíram para os trabalhos que consideram a verbivocovisualidade como uma instância tridimensional da linguagem (PAULA, 2017; PAULA; LUCIANO, 2020a, 2020b; PAULA; SERNI, 2017) A esse respeito, vale destacar o postulado de Medviédev (2012):

Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também *um conjunto material peculiar – sonoro, pronunciado, visual* – o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social. Ele organiza a comunicação que é voltada para uma reação de resposta. Ele mesmo reage a algo: ele é inseparável do acontecimento da comunicação (MEDVIÉDEV, 2012, p. 183, grifo nosso).

Sob esse prisma, a manifestação de todo e qualquer enunciado se dá verbivocovisualmente, como defende Paula (2017), uma vez que articula, de acordo com o próprio Círculo, instâncias verbais, sonoras e visuais. Conforme Luciano (2021, p. 193), "do ponto de vista da relação dimensão-materialidade, as dimensões verbivocovisuais da linguagem se manifestam potencialmente na constituição do sentido valorativo do ato por meio da disposição material do verbal e gráfico-visual"; essas duas instâncias, por sua vez, remetem ao vocal-sonoro.

Anteriormente, Brait (2015) havia estabelecido o conceito de "verbo-visualidade" para o estudo de enunciados que integrassem as semioses verbal e visual, todavia, Paula e Luciano (2020a) ponderam

que, na abordagem de Brait, faltou um terceiro elemento que se integra indissociavelmente aos outros dois já estabelecidos, o vocal/sonoro. Os autores apontam essa indissociabilidade verbal, vocal/sonora, visual ao discorrerem que

mesmo um lexema verbal possui, em si, cunhado no signo verbal, uma dimensão acústica vocal/sonora, entoativa, que engata o lexema na cadeia discursiva; e uma dimensão visual mental, que remete à situação de comunicação real. O mesmo ocorre com enunciados de outras materialidades (PAULA; LUCIANO, 2020a, p. 717).

Sob essa ótica, verifica-se que a verbivocovisualidade é constitutiva de todo enunciado e, portanto, de todo gênero, como defende Paula (2017). É perceptível, por outro lado, que, na composição dos gêneros, o espaço concedido aos elementos visuais ampliou-se consideravelmente com as tecnologias digitais. Assim, a linguagem verbal e outros recursos vocovisuais estão em inter-relação nos enunciados concretos, acarretando múltiplas construções de sentido. Por essa razão, o leitor não pode nem deve prescindir desses recursos verbivocovisuais, posto que são indiscutivelmente importantes para a produção de sentidos.

Contextualizando a charge à teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin, percebe-se que o chargista, no processo de criação, dialoga com outros enunciados, assumindo uma postura responsiva ativa em relação a esses enunciados que inspiraram a sua produção. O chargista, enquanto autor, emite uma apreciação valorativa, um juízo de valor sobre o assunto de que trata na charge. Esta, por sua vez, refletirá ecos de outros enunciados, dos fatos com os quais se relaciona discursivamente e, portanto, dialogicamente.

4 Aspectos metodológicos da pesquisa

A presente pesquisa configura-se como bibliográfica, por se tratar da análise de um gênero a partir de literatura amplamente divulgada, no caso, os postulados bakhtinianos acerca do gê-

nero e de dialogismo. Conforme Paiva (2019), a pesquisa bibliográfica, apesar de não apresentar nenhum conhecimento novo, não é uma simples compilação de informações sobre um determinado assunto. Nesse sentido, o pesquisador precisa, além de resumir essas informações, interpretá-las, avaliá-las e relacioná-las de forma coesa e crítica.

É uma pesquisa secundária, visto que se utiliza de dados já divulgados; de cunho teórico, uma vez que se propõe a estudar teorias; e de natureza aplicada, em razão de se pretender gerar novos conhecimentos. Quanto à abordagem, caracteriza-se como qualitativa, de natureza teórico-interpretativa. Em relação ao objetivo, configura-se como exploratória, haja vista o propósito de ampliar o conhecimento sobre o assunto abordado (PAIVA, 2019). A pesquisa exploratória é também denominada "pesquisa de base" (GONSALVES, 2003), por oferecer dados que servem de suporte a outros estudos.

O *corpus* para análise constitui-se de um enunciado verbivocovisual, mais propriamente de uma charge, publicada no jornal *Diário do Nordeste*, em setembro de 2020, de autoria do artista visual Thyago Cabral.² O intuito da mídia jornalística é oferecer ao público uma notícia atualizada e em alta nos veículos de comunicação. A charge, por sua vez, propõe-se a sintetizar a notícia e/ou o acontecimento, de modo que desperte o olhar e o interesse do leitor, intercalando multissemioses, com o intuito de satirizar, criticar, provocar o humor ou uma reflexão.

A charge selecionada aborda um assunto polêmico e atual, que cotidianamente está sendo discutido pela sociedade, e propõe reflexões profundas, uma vez que coloca em questão aspectos que impactam diretamente a vida social, acadêmica e familiar. Optou-se pelo *Diário do Nordeste* por ser o jornal de maior circulação no estado do Ceará e, por conseguinte, um dos mais importantes para a região nordeste.

A proposta de trabalho com a charge deu-se

² Thyago Cabral é hoje o chargista oficial do *Diário do Nordeste*, assinando seus textos com o nome "Thyagão". Suas charges são publicadas diariamente no Caderno Opinião do jornal e disponibilizadas nos perfis oficiais do *Diário do Nordeste*, no *Facebook*, no *Instagram* (@diarionordeste) e no *Twitter* (@diarioonline), e na página do chargista, no *Instagram* (@historiassemquadrinhos).

em função de esse gênero, na perspectiva de Paula (2017), refletir um enunciado verbivocovisual, que se utiliza explicitamente de diferentes linguagens em sua constituição, e por estar inserido amplamente em diferentes campos de atividade humana. Nesses termos, metodologicamente, espera-se que o trabalho possa demonstrar possibilidades dialógicas entre a teoria dos gêneros do discurso proposta pelo Círculo de Bakhtin e o conceito de verbivocovisualidade, de modo a deixar evidente sua produtividade para fundamentar a análise dos mais variados gêneros, especialmente aqueles em que, tal como a charge, este elemento é mais acentuado. Além disso, o que orientou a escolha da charge em questão foi a sua composição temática que, à época, refletia bem o entrave enfrentado pela educação no Ceará, no contexto da pandemia.

É importante salientar que, sendo a charge um gênero efêmero por natureza em relação aos outros enunciados que inspiraram a sua produção, a contextualização cronotópica se faz necessária para que a construção de sentidos pelos coenunciadores seja orientada e, portanto, legitimada. Por *cronotopo*, pautamo-nos na definição de Bakhtin (2014, p. 211) de que consiste na "interligação fundamental das relações temporais e espaciais".

No tocante à análise do gênero, não serão definidas categorias fechadas de análise, considerando que estudar o gênero na perspectiva bakhtiniana é compreendê-lo como um constructo que envolve flexibilização em sua forma de composição e estilo no tratamento do tema. Além disso, os gêneros são produzidos na enunciação entre parceiros da comunicação, realizando-se sob a forma de enunciados. Sendo os enunciados constitutivamente dialógicos, ligam-se a outros por meio de relações também dialógicas. Os sujeitos do discurso, por estarem inseridos em uma realidade heterogênea, absorvem vozes sociais diversas que se inter-relacionam.

Nessa perspectiva, far-se-á a análise da charge observando os seus elementos composicionais enquanto gênero discursivo, a partir dos postulados bakhtinianos, e verificando de que

forma ocorre a produção de sentidos, tanto pelo conteúdo temático abordado, pelo estilo e pela construção composicional verbivocovisual, como pelas relações dialógicas que estabelece. O enfoque método norteador da análise é, pois, o dialético-dialógico, entendendo, conforme Bakhtin (2013), que:

[...] O método dialógico de busca da verdade se opõe ao monologismo *oficial* que se pretende *donor de uma verdade acabada*, opondo-se igualmente à ingênua pretensão daqueles que pensam saber alguma coisa. A verdade não nasce nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce *entre os homens*, que juntos a procuram no processo de comunicação dialógica (BAKHTIN, 2013, p. 125, grifo do autor).

Propor a análise de um gênero verbivocovisual segundo o olhar teórico-metodológico bakhtiniano é uma forma de demonstrarmos a atualidade de suas possibilidades de aplicação, em um enunciado veiculado em uma plataforma digital. Apesar dessa proposta de trabalho não ser inédita, acreditamos em sua contribuição para os estudos discursivos hoje e para se confirmar a hipótese levantada por Paula (2017) de que a noção de linguagem adotada pelo Círculo de Bakhtin comporta uma tridimensionalidade que se efetiva na verbivocovisualidade.

Assim, espera-se atestar que as abordagens do Círculo de Bakhtin, apesar dos avanços técnicos, científicos e tecnológicos no âmbito da linguagem e, portanto, na construção dos gêneros, pelo surgimento de novos e pela transformação dos já existentes, continuam em voga, podendo ser utilizadas para o estudo de todo e qualquer gênero. Não é por acaso que grande parte dos estudos linguísticos se fundamentam nos pressupostos bakhtinianos e do Círculo para tecerem considerações sobre a linguagem.

5 Análise dos dados e discussão dos resultados

Partindo do objetivo de verificar a produção de sentidos em uma materialidade verbivocovisual, com base na concepção bakhtiniana de gênero e no conceito de dialogismo estabelecido pelo Círculo, este trabalho propõe analisar uma char-

ge, do chargista Thyagão, publicada no jornal *Diário do Nordeste*, em setembro de 2020. Mais do que provocar o riso ou até mesmo ironizar um acontecimento, de modo geral, a charge pretende promover nos leitores uma reflexão acerca de situações reais, atuais e que impactam fortemente a sociedade, em diversos campos da atividade humana.

Cabe salientar que a charge em questão é envolta de polêmica, por representar um discurso que vai ao encontro de ampla parcela da sociedade brasileira e, principalmente, por contrariar outra expressiva parte dessa sociedade. Sob essa égide, o debate entre o retorno das aulas presenciais e a permanência do ensino remoto, em razão da pandemia do novo coronavírus, tem dividido a opinião das pessoas e tem sido assunto de discussão nos campos político, social, cultural, escolar e familiar.

Figura 1 – Charge “De volta às aulas”



Fonte: Thyagão/Diário do Nordeste (2020).

Situando contextualmente, a charge reflete o momento de retorno das aulas nas escolas brasileiras, após o período de isolamento e distanciamento social, imposto pela pandemia e vivenciado por todos os países mundialmente. Sabendo que, na charge, o autor ilustra fatos contemporâneos e de importância social, é preciso lembrar também que o seu conteúdo implica o posicionamento de quem a enuncia.³ Nesse caso, há a posição do jornal, enquanto formador de opinião, que, levando em conta o propósito

enunciativo, atribui ao enunciado uma apreciação de valor.

O conteúdo temático constrói-se pela constituição da cena, no ambiente escolar, por ocasião da retomada das aulas presenciais, em um período ainda pandêmico, a qual evidencia a utilidade que as crianças darão a objetos de uso para proteção contra o coronavírus, a exemplo da máscara, por não terem consciência da dimensão e da gravidade da doença. O acento valorativo, então, recai sobre o uso indevido da máscara e a preocupação e o cuidado que os adultos passarão a ter diante da nova realidade. A postura do autor reflete a posição ideológica e valorativa dos sujeitos sociais e políticos que são desfavoráveis ao retorno das aulas no contexto em questão, em que ainda não havia controle efetivo do vírus, dada a ausência de medicação eficaz para o tratamento e do retardo na distribuição e aplicação da vacina para prevenção à doença.

Observa-se, na charge, a presença de vozes sociais, como a do enunciativo, quando explícita, pelo todo da construção discursiva, que a volta das aulas pode colocar as crianças em uma situação de vulnerabilidade para o contágio da COVID-19. À medida que elucida tal posicionamento, o enunciado também evidencia vozes contrárias, como a de que o retorno das aulas presenciais é necessário, independente dos riscos aos quais os estudantes possam estar submetidos, sob a justificativa de que quase todos os serviços já foram normalizados e de que se impõem tomar medidas para minimizar o impacto negativo do isolamento social na economia do país. O “caos” que a charge sugere ao encenar a ineficiência do controle do uso da máscara na sala de aula, principalmente quando se trata de crianças, acaba por tornar plausível a posição de resistência de alguns governos em autorizar a retomada das aulas presenciais. Nesse sentido, partilhando das ideias bakhtinianas, a voz que não é mostrada também é constitutiva do enunciado, tendo em vista que ele se constrói em oposição a ela.

Sendo um gênero do campo jornalístico, é, por

³ No caso de charges publicadas por jornais e revistas, além de outros meios de comunicação cultural, refletem o posicionamento do canal de comunicação, que, muitas vezes, vai de encontro ao pensamento político ou popular, a depender do propósito enunciativo desse canal.

natureza, argumentativo, apresentando, assim, um juízo de valor acerca do tema, que refletirá de forma persuasiva no leitor, influenciando-o a suscitar respostas que, ideologicamente, dialoguem com o posicionamento representado pelo autor. Como enunciado, a charge é uma reação-resposta a outros enunciados, a outros posicionamentos, como o de que as escolas devem retornar às aulas presenciais. Por se tratar de uma mídia jornalística, que se faz presente em vários campos da atividade e da comunicação humanas, os sujeitos para quem o autor enuncia são todos os leitores do jornal, mas, particularmente, aqueles afetados, de modo direto, pela questão levantada, como as famílias, a comunidade escolar e os gestores públicos.

A finalidade da interação é fazer o leitor refletir sobre as possíveis consequências da volta imediata das aulas e ponderar sobre o que é mais importante agora: a preservação da saúde ou a recuperação do conhecimento escolar. O lugar de ancoragem ideológica do sujeito enunciador, no caso, o jornal, é o de que o país não está preparado para a retomada de atividades que requerem a aglomeração de pessoas. Tal posicionamento é atestado pela forma de composição do gênero, pelo emprego da linguagem verbal e dos elementos vocais e imagéticos, que se inter-relacionam para a construção de sentidos.

É certo afirmar, então, que os aspectos envolvidos na composição da charge, a exemplo dos de natureza verbal, vocal e visual, fazem emergir na memória social dos interlocutores as condições, muitas vezes precárias, das escolas brasileiras. Por exemplo, a aparência caótica do cenário evoca algo que já é conhecido: o fato de, muito além do trabalho didático-pedagógico, os professores precisarem lidar com questões relativas ao comportamento dos alunos. A partir do tom desesperador sugerido na fala do professor, o chargista parece realçar o quanto pode ser penoso ao trabalho docente ter que garantir as

devidas medidas de prevenção à contaminação pelo coronavírus, ao passo que já lida constantemente com a indisciplina e os comportamentos desviantes no ambiente escolar, de um modo geral, e na sala de aula, em particular.

A construção composicional dá-se sob a forma do gênero charge, que, partindo de uma questão polêmica, estrutura o enunciado de modo a cumprir seu propósito enunciativo de convencer os sujeitos sociais de que a volta das aulas é indesejada e pode colocá-los em riscos maiores do que os já enfrentados, em se tratando de saúde pública. Em função disso, o enunciador constrói o seu discurso, utilizando-se de uma verbivocovisualidade bastante acentuada e situando-o na esfera escolar, de modo que apresenta os estudantes, no horário de intervalo das aulas, fazendo da máscara de proteção um brinquedo. Essa compreensão, conforme destacamos, é atestada pelo engendramento dos elementos verbais, vocais e visuais no enunciado.

Orientada por acontecimentos da atualidade, o fato que motivou a criação e publicação da charge foi a permissão dada pelo governo do estado do Ceará, através do plano de retomada de atividades dos setores públicos e privados, para o retorno gradual das aulas presenciais, iniciando pelas escolas particulares de ensino infantil em Fortaleza, capital do estado, onde, inclusive, a taxa de contaminação da COVID-19 foi bastante alta, conforme dados divulgados naquele período por vários canais de comunicação jornalística.⁴ Vale salientar que a charge em questão apresenta uma situação enunciativa ligada intimamente ao campo escolar, mas não deixa de refletir os diálogos que mantém com o campo familiar, político e social.

Na enunciação, a postura do autor exprime uma atitude valorativa de negação em relação ao objeto discursivo, ou seja, a volta às aulas. Para atingir o propósito enunciativo, vale-se de aspectos axiológicos que, ideologicamente, dia-

⁴ Em noticiário do Portal G1, por exemplo, em agosto de 2020, Fortaleza situava-se como a capital com a maior taxa de mortalidade por COVID-19. O número de óbitos era de 3,7 mil, contabilizado desde o início da pandemia, sendo o índice de 138 mortes para cada 100 mil habitantes. A taxa de letalidade, que era de 8,6%, representava mais que o dobro, quando comparada à taxa de 3,4% em todo o Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/08/fortaleza-e-a-capital-com-a-maior-taxa-de-mortalidade-por-covid-19-pesquisador-aponta-dificuldade-em-cumprir-isolamento.ghtml>. Acesso em: 2 dez. 2021.

logam com o leitor. Estando em contato com a charge em cena, qualquer reação do interlocutor é uma resposta a esse enunciado que, por sua vez, está repleto de ecos de outros enunciados, a exemplo da notícia que o inspirou, da percepção vocal e dos elementos imagéticos que remetem ao espaço escolar. Sendo assim, entre outras interpretações possíveis da charge, pode-se pensar que se até mesmo as escolas privadas não saberão regular o uso da máscara e garantir as devidas medidas preventivas, quem dirá as escolas públicas, onde, por diversas razões, as condições de funcionamento são ainda mais dificultosas. A charge, portanto, caracteriza-se como um discurso dialogizador.

A estrutura composicional e o estilo fazem ecoar o conteúdo temático do qual se constitui o enunciado. Considerando que o estilo está imbricado não apenas nos aspectos linguísticos, mas principalmente nas relações dialógicas construídas pelo discurso, é legítimo dizer que o estilo se reflete na construção do próprio enunciado, pelos ecos que emergem de outros enunciados, a exemplo de notícias com a informação do retorno das aulas presenciais, pela vontade enunciativa do autor, o seu querer dizer, e pelos elementos linguísticos que trabalham em favor da construção discursiva.

Quanto aos aspectos linguísticos, o estilo está reverberado na escolha da charge como gênero enunciativo, cuja verbivocovisualidade é bastante expressiva; na representação da cena escolar; na figura do educador e das crianças; na ordem expressa pelo imperativo verbal, no balão de fala, alertando para que o menino coloque a máscara; na entonação da voz, por meio da qual, conforme Volochinov (2013, p. 81), "a valoração encontra sua expressão mais pura"; na surpresa e no medo do educador em ver a criança sem a máscara, expressa pela repetição do ponto de exclamação; na indiferença das crianças quanto à ordem do educador; no exagero atribuído à imagem da máscara utilizada pelas crianças, em analogia a uma corda, para a brincadeira de pular corda; no colorido dado às máscaras e na ausência de cor na representação das pessoas que compõem o

todo imagético; e, de modo geral, no todo do enunciado, ao criar uma cena que preocupará os pais quanto aos riscos de contágio, pelo coronavírus, aos quais os filhos estarão expostos, como consequência da ineficiência do controle do uso da máscara, nos ambientes fechados, públicos e privados, bem como pela falta de outras medidas de segurança e, sobretudo, pela aglomeração causada pelo convívio, pois, possivelmente, a escola não conseguirá mantê-los afastados com a distância mínima recomendada pelos órgãos de saúde.

Por se inserir entre os gêneros da comunicação cultural mais complexa, mais elaborada e mais evoluída, a charge caracteriza-se como gênero secundário, servindo a uma finalidade pública em diversos campos da atividade e da comunicação humanas. Na charge em análise, percebe-se que este gênero absorveu um possível diálogo do cotidiano escolar, transformando-o e integrando-o em sua constituição textual. A transmutação do diálogo cotidiano, expresso por meio de um enunciado diretivo que encena a repreensão do professor às crianças, fez com que esse gênero primário perdesse sua relação com o contexto imediato, com a realidade concreta e com os enunciados reais e alheios.

Por fim, as possibilidades de construção de sentidos da charge são plurais, por se tratar de um enunciado e, portanto, de um gênero discursivo, carregado de ideologia e construído pelo estabelecimento de múltiplas relações dialógicas com outras vozes no elo da cadeia enunciativa. Ao recorrer dialogicamente a outros enunciados, assume uma posição responsiva em relação a esses enunciados que o precederam, além de funcionar como um "gatilho" para novos posicionamentos responsivos ativos, presumidos pela vontade enunciativa do seu autor, isto é, pelo seu querer dizer, pela sua intenção discursiva.

Além disso, a análise da composição da charge enquanto gênero discursivo comprova que os elementos que a integram são, de fato, indissociáveis, considerando que, para discorrer sobre o conteúdo temático, é preciso associá-lo aos aspectos estilístico-composicionais. Da mesma

forma, não se pode falar em estilo sem mencionar a apreciação de valor e o acento valorativo dado ao tema pelo enunciador e a forma de composição que resulta na materialidade do gênero. Outrossim, é a construção composicional que possibilita o vínculo entre o conteúdo e seu tom emotivo-volitivo e que flexibiliza, ou não, a utilização de recursos estilísticos.

Assim, no gênero charge, a posição do autor constrói-se pela forma com que incorpora e pelo tratamento que dá às diferentes vozes na enunciação. Os juízos de valor emitidos por quem enuncia concretizam os lugares sociais ocupados pelos parceiros do discurso na esfera ideológico-cultural. As escolhas linguísticas e discursivas, na composição do gênero, são, pois, imbuídas de relações axiológicas e colocam os sujeitos da enunciação em um horizonte também axiológico.

Considerações finais

Objetivando compreender como se dá a produção de sentidos no enunciado verbivocovisual, a partir das considerações de Bakhtin e do Círculo sobre gênero discursivo e dialogismo, este estudo propôs uma análise do gênero charge. Tendo em vista que os postulados do Círculo de Bakhtin oferecem múltiplas possibilidades de trabalho com a linguagem, evidenciando uma quase inexauribilidade semântico-objetiva, esperamos ter alcançado e superado o objetivo pretendido nestas linhas.

Do ponto de vista metodológico, o estudo não cogitou ser exaustivo, e nem poderia, por não haver um esgotamento de sentidos dos enunciados. As reflexões ora apresentadas constituem apenas uma perspectiva de análise, entre tantas outras que podem ser desenvolvidas pelo viés bakhtiniano. As múltiplas abordagens sobre gêneros discursivos, as quais, de alguma forma, dialogam com a perspectiva bakhtiniana e assimilam sua concepção dialógica da linguagem, integram um terreno vasto e fértil de pesquisas que, impreterivelmente, atestam a validade dos postulados do Círculo.

Assim, confirma-se a hipótese de que a noção

de gênero proposta por Bakhtin e o Círculo é fundamentalmente importante para analisar os sentidos de toda e qualquer materialidade discursiva, atestando a tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem. Além disso, parece ser na verbivocovisualidade que os mecanismos dialógicos encontram mais expressividade, principalmente levando em consideração as possibilidades de se enunciar, de construir o gênero, de refletir o estilo, de apresentar a composição temática.

Do prisma teórico, o referencial utilizado contribuiu, axiologicamente, de forma positiva para o embasamento deste trabalho, por alargar o horizonte de compreensão sobre os escritos do Círculo e operacionalizar melhor seus conceitos. Como diz Fiorin (2018), cada um lê o Bakhtin que serve a seus propósitos, assim sendo, interessou a este trabalho o pensamento bakhtiniano sobre a relação do eu com o outro, a dimensão axiológica do discurso, a constituição do ser, o funcionamento real da língua e a concepção dialógica da linguagem.

Configurando a charge como um gênero cuja verbivocovisualidade é muito representativa, percebe-se que dela pode-se apreender uma vasta pluralidade de sentidos. Observar as relações dialógicas estabelecidas pelo gênero charge e estudá-lo pelos seus elementos constitutivos permitiram a este estudo uma ampla compreensão do problema de pesquisa.

Por fim, verificar os sentidos construídos por um gênero, a partir do que postulou o Círculo de Bakhtin, permite ao pesquisador uma compreensão e interpretação que somente uma leitura não daria conta. Os conceitos apresentados por Bakhtin e pelo Círculo, portanto, além de continuarem em voga, continuam, a nosso ver, sendo os mais representativos e abrangentes para o estudo da linguagem.

Referências

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARBOSA, J. P.; ROVAL, C. F. *Gêneros do discurso na escola: rediscutindo princípios e práticas*. São Paulo: FTD, 2012.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p. 87-98.

BRAIT, B. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2015.

BRAIT, B. Estilo. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 79-102.

CABRAL, T. De volta às aulas. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 12 set. 2020. Caderno Opinião. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao>. Acesso em: 12 set. 2020.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

GONSALVES, E. P. *Iniciação à pesquisa científica*. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

GRILLO, S. V. C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: e outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 133-160.

LUCIANO, J. A. R. *Filosofia da linguagem bakhtiniana: concepções verbivocovisuais*. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2021.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 151-166.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAY-DECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011. p. 17-31.

MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários*. Tradução de Sheila Grillo, Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

PAIVA, V. L. M. O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.

PAULA, L. *Verbivocovisualidade: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem*. Projeto de Pesquisa. UNESP, 2017 (Mimeo).

PAULA, L.; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 706-722, jun. 2020a.

PAULA, L.; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, v. 33, n. 3, p. 105-134, 2020b.

PAULA, L.; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jan./jun. 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teoria, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROJO, R. H. R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teoria, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

VOLOCHÍNOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução e notas de João Wanderley Geraldi. Edição e supervisão da tradução de Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo, Ekaterina Volkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

Rosângela Alves dos Santos Bernardino

Doutora e mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN, Brasil. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Pau dos Ferros, RN, Brasil.

Ivaneide Gonçalves de Brito

Doutoranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Pau dos Ferros, RN, Brasil; mestra em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em Cajazeiras, PB, Brasil. Professora da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, em Assaré, CE, Brasil.

Eliene Carvalho da Silva

Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, RN, Brasil. Graduada em Letras também pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Pau dos Ferros, RN, Brasil. Professora da rede particular de ensino, em Severiano Melo, RN, Brasil.

Endereço para correspondência

Rosângela Alves dos Santos Bernardino/ Ivaneide Gonçalves de Brito/ Eliene Carvalho da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Programa de Pós-Graduação em Letras

BR 405, Km 153, Bloco B, Sala B22

Arizona, 59900-000

Pau dos Ferros, RN, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.